

## GÊNEROS TEXTUAIS DISCURSIVOS: O JORNAL *ONLINE* EM SALA DE AULA

Sonia Maria da Fonseca Souza, Eliana Crispim França Luquetti, Vyvian França Souza  
Gomes, Clodoaldo Sanches Fófano, Paulo Jonas dos Santos Júnior  
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

\*1

**RESUMO:** Os gêneros textuais discursivos devem nortear o trabalho de Língua Portuguesa, tais instrumentos sustentam a atividade escolar. Além disso, não há como trabalhar linguagem se não for por meio dos gêneros, isso porque a linguagem se dá através de textos. Esta pesquisa busca refletir sobre a questão de ensino da língua (textos e produção de textos centrados nos gêneros textuais/discursivos), compreendendo o trabalho com os gêneros, sobretudo os jornalísticos *online*, como ferramenta de ensino. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, considerando as contribuições de teóricos cujas obras são pertinentes ao foco deste estudo. Nesse sentido, conclui-se que o ensino dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente, além de ampliar a competência linguística e discursiva dos alunos, aponta-lhes inúmeras formas de participação social mais interativa que eles, como cidadãos, podem ter através da linguagem. O professor deve buscar aptidão e desenvolver uma prática pedagógica que vá além das já conhecidas abordagens gramaticais e da trilogia narração, descrição e dissertação, já que os avanços tecnológicos proporcionam uma nova forma de produzir e compreender textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero textual/discursivo. Produção textual. Interdisciplinaridade.

### 1 Introdução

É embaraçosa a situação de professores de português diante das novas propostas pedagógicas que lhes são apresentadas, sem que tenham tido condições ideais de se adequarem aos seus conteúdos. De maneira específica, no que se refere aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Língua Portuguesa (1998), que demandam para a sua aplicação conhecimentos teóricos e reflexão aprofundada sobre como fazer a travessia de uma prática pedagógica cristalizada e marcada por uma concepção de linguagem fundamentada em formas prescritivas, para outra com fundamentos em uma prática pedagógica voltada para o compromisso de formar pessoas ativas, críticas e criativas.

Diante desse desafio enfrentado pelo professor, surgem as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que proporcionam novos conhecimentos e uma forma de dinamizar o ensino-aprendizagem. Tal uso sugere reflexões sobre a prática de ensino, não como instrumento de transformação educacional, mas como ferramenta impulsionadora de mudanças de concepções, valores, ideias e atitudes.

Em face do objeto de estudo deste trabalho (ensino de texto e produção de texto centrado nos gêneros textuais *online*), levanta-se a seguinte questão-problema: Que

---

\*XV Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e XII Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.

estratégias podem ser utilizadas para vencer a artificialidade do ambiente escolar, onde nem todo gênero se presta a um serviço de interação, e se conseguir uma prática mais eficaz de leitura e produção de texto? Para responder a esse questionamento traçou-se o seguinte objetivo: buscar uma alternativa metodológica para o trabalho escolar de leitura e produção de textos, sem incorrer nas práticas artificiais de redação escolar.

Com o surgimento da noção de gênero textual/discursivo, tem-se intensificado a discussão em torno do ensino de Língua Portuguesa. Esta pesquisa, então, se torna necessária para ampliar o conhecimento sobre esse assunto, possibilitando assim um ensino de qualidade com relevância social. É, pois, um estudo que buscou apresentar reflexões sobre a necessidade de o professor ensinar nos alunos um trabalho efetivo com a linguagem, através do texto e da produção de textos centrados nos gêneros textuais, possibilitando-lhes formas concretas de participação social que estejam relacionadas às mudanças decorrentes do surgimento das TICs, praticando desse modo o exercício da cidadania, estabelecendo, novos valores em consonância com as exigências de um tempo universalizado, sujeito a constantes transformações.

Como a escola recebe alunos que, desde cedo, convivem com a linguagem escrita em diversos suportes, variados gêneros são de real importância na formação do aluno. A utilização do gênero jornal *online*, entretanto, deve ter seu lugar privilegiado na sala de aula, pois além de veicular vários gêneros, ele aborda fatos do contexto social dos alunos, que poderão ser acessados com mais dinamismo, liberdade e interatividade. Desse modo, é aberta uma porta pela sala de aula e, assim, o aluno passa a ter acesso a uma rede de relações mundiais/informações. Dentro dessa perspectiva, o ambiente escolar não é o único palco do ensino-aprendizagem. Essa pesquisa se caracteriza como bibliográfica, pois se constitui "numa precisa fonte de informações, como dados já organizados e analisados" (SANTOS, 2015, p. 31).

## **2 Gêneros textuais e ensino**

### **2.1 Definição**

As transformações na relação ensino-aprendizagem aconteceram de fato, um redimensionamento na forma de trabalhar a linguagem. Sabe-se é quase consensual que esse trabalho deve ser centrado no texto. Entretanto, para muitos, o texto é ainda entendido como fonte ou pretexto para a exploração dos tópicos gramaticais isolados do contexto ou como material desinteressante a ser trabalhado de forma homogênea nas pretensas atividades de leitura. Assim, Brandão (2012, p. 17) explicita: "Para muitos, o texto ainda não chegou à sua dimensão textual-discursiva. Uma dimensão discursiva do texto pressupõe uma concepção sociointeracionista de linguagem centrada na problemática da interlocução".

As questões que envolvem o texto, principalmente aquelas que dizem respeito ao ensino-aprendizagem da língua, são bastante complexas e controversas. A começar pela própria conceituação do que vem a ser texto, passando aos estudos dos gêneros textuais tendo em vista a capacitação do aluno de compreender e lidar dialogicamente com diversos gêneros.

A palavra gêneros sempre foi bastante utilizada pela retórica e pela teoria literária com um sentido especificamente literário, para identificar os gêneros clássicos - o lírico, o épico, o dramático - e os gêneros, modernos, como o romance, a novela, o conto, o drama etc. No Brasil, as pesquisas em torno do gênero textual são relativamente recentes, e só

depois que foram divulgados os PCN (1998) é que a discussão teórica deixou os círculos restritos da discussão acadêmica e chegou às escolas. Como consequência do grande interesse que o assunto tem suscitado entre educadores em geral, várias publicações começam a surgir para entender a essa demanda.

Uma tipologia que muito tem contribuído para os estudos da linguagem é a resultante do enfoque discursivo-interacionista de Bakhtin (2011), que foi o primeiro a empregar a palavra gêneros com um sentido mais amplo, referindo-se também aos textos que empregamos nas situações cotidianas de comunicação.

Segundo Bakhtin (2011), todos os textos que produzimos, orais ou escritos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis. Essas características configuram diferentes gêneros textuais ou discursivos, que são caracterizados por três aspectos básicos coexistentes: o tema, o modo composicional (a estrutura) e o estilo (usos específicos da língua).

Schneuwly citado por Abreu (2007, p. 88) compreende o gênero textual como uma ferramenta, isto é, como um instrumento que possibilita exercer uma ação linguística sobre a realidade. Para ele, o uso de uma ferramenta resulta em dois efeitos diferentes de aprendizagem: por um lado, amplia as capacidades individuais do usuário; por outro, amplia seu conhecimento a respeito do objeto sobre o qual a ferramenta é utilizada.

Pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais, na compreensão de Marcuschi (2007, p. 35) é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Pois nada do que se fizer linguisticamente pode ser tratado em um outro gênero. Pasquier e Dolz de acordo com Costa (2002, p. 78) compreendem que a aprendizagem deva se dar em espiral, isto é, que os gêneros devam ser periodicamente retomados, aprofundados e ampliados, de acordo com a série, com o grau de maturidade dos alunos, com suas habilidades linguísticas e com a área temática de seu interesse.

Mas cabe ressaltar ainda que em meio à infinidade de recursos textuais/discursivos, na atualidade, nota-se o sobressalto dos gêneros digitais, que são utilizados com frequência como fonte de pesquisa e informação, comunicando assuntos pessoais ou profissional. Esses gêneros quebram o anacronismo da escola que, pela sua estrutura tradicional, isola os alunos da sociedade em que vivem.

## **2.2 Produção de texto: possibilidades de formação de pessoas críticas em práticas reais e significativas**

O ensino de língua tem sido desenvolvido tradicionalmente nas escolas acaba por desestruturar a competência comunicativa do aluno, uma vez que, centrado a reflexão sobre os aspectos formais, desconsidera da linguagem a sociedade e a interação. Os estudos na área, principalmente com relação ao ensino de redação, tecem esta crítica, no qual pode-se comprovar na afirmação de Pécora (2011, p. 119): “[...] os problemas de redação escolar constituem, sobretudo, os efeitos de cristalização de uma atitude que retira a escrita da linguagem e esta do mundo e da ação intersubjetiva [...]”.

Ensinar os alunos a escrever é ensiná-los a produzir textos em uma situação real de comunicação. O ensino tradicional de produção textual apaga todo o processo dialógico da linguagem.

## **2.3 A contextualização e o sentido nas atividades de leitura e produção de texto**

O aluno precisa habituar-se a fazer uma leitura heterogênea, atendendo às características e às finalidades de cada texto. Deve aprender que cada tipo de texto requer um tipo de leitura e compreensão.

A heterogeneidade textual deverá conduzi-lo a uma capacidade mais ampla de decodificar e interpretar não apenas o texto, mas de estabelecer relações com outros suportes, compreendendo o mundo na diversidade de sua linguagem. Compreende-se que, embora gratificante para muitos, produzir textos eficientes nem sempre é fácil.

Cabe à escola garantir ao indivíduo os saberes linguísticos necessários à sua participação social efetiva, propondo situações de comunicação que levam à prática concreta de linguagem - ler, escrever, falar e ouvir textos reais - de forma a criar condições para que o aluno possa “interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações” (PCN, 1998, p. 19).

Brandão (2012, p. 42) afirma que “o aluno deve ser exposto à pluralidade dos discursos que circulam no seu cotidiano ou que fazem parte da sua cultura”. Mesmo porque, pelo próprio movimento do homem em sua inserção social e prática da língua, os gêneros são inúmeros e infinitos, conforme observou Bakhtin segundo Brandão (2012, p. 43): “A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”.

Vale ressaltar que o mesmo ocorre quando se aprende a produzir gêneros como a carta do leitor, o editorial e textos argumentativos em geral, por meio dos quais o aluno toma consciência de que pode, como cidadão, manifestar seus pontos de vista, opinar e interferir nos acontecimentos do mundo concreto. Ou, ainda, nos campos mais criativo e emotivo, no qual ele pode criar, com as palavras e com os gêneros, objetos de arte para fruição estética e reflexão crítica, como o poema, a crônica, o conto e as narrativas de ficção em geral.

## **2.4 Recursos pedagógicos para uma prática significativa em sala de aula**

As propostas de projetos apresentadas pelos PCN dizem respeito a situações concretas de produção e de recepção de textos. Nesse novo enfoque, não se nega a transmissão dos conteúdos básicos, mas busca-se encontrar, a partir da elaboração de projetos pedagógicos, estratégias e atividades pertinentes, que permitam a transformação de uma ideia em realidade; é, por isso dizer, a contextualização da aprendizagem, pois busca-se a proposição de situações em que os alunos possam aprender valores, procedimentos de interação crítica e atuante, além de promover o resgate cultural (ROJO, 2001, p. 36).

A velocidade informativa que circula pela internet tem conduzido a atenção do aluno para aquilo que é virtual, interativo e veloz. Adolescentes e jovens estão conectados com frequência no mundo virtual, utilizando aparelhos midiáticos e eletrônicos para se relacionar com o outro. A escola, para se adequar à nova realidade, precisa utilizar de recursos tecnológicas, buscando estratégias metodológicas que promovam uma aprendizagem significativa, alcançando os interesses dos alunos.

Diante dessa nova demanda, a utilização do jornal *online* em sala de aula é uma atividade imprescindível na vida escolar dos adolescentes e jovens. Por meio dessa prática

o aluno cria habilidade e competências que vão além daquelas criadas pelo material impresso. Como exemplo, pode-se pensar na interatividade que o material *online* proporciona. Assim, o aluno pode, inclusive, comentar por meio do recurso digital o que leu, tornando-se um cidadão ativo, deixando apenas de receber as informações como acontece com o jornal impresso.

A utilização de jornais (e também de revistas) *online* em sala de aula é recurso significativo, pois permite o desenvolvimento da opinião crítica, a reflexão sobre os diversos recursos expressivos, a análise das diversas manifestações da sociedade, a interação com os fatos que estão próximos. Um jornal *online* não tem só notícias e reportagens estáticas, é uma proposta inovadora. De acordo com Barbosa (2001, p. 45) “uma das mais propagadas vantagens da internet é a interatividade permitida pelo novo meio e que, dizem alguns estudiosos, poderá ser o grande trunfo do jornalismo *on-line*.”

Cunha (2007, p. 166) afirma que os “gêneros da mídia têm sido objeto de inúmeras descrições nos últimos vinte anos, com uma grande diversidade de enfoques em função do instrumento teórico adotado”. A escola também passou a estudá-los com o objetivo de formar leitores críticos e construtores dos diversos textos que circulam na sociedade. Viana (2002, p. 79) destaca que “a utilização de jornal nas atividades curriculares da escola ainda não se constitui prática costumeira nem trabalho pedagógico consistente”.

Em relação ao gênero jornal, Viana (2002, p. 89) assim se posiciona: “o jornal apresenta a dinâmica social, expõe a vida acontecendo e como tal os aproxima dos assuntos do momento. Ignorar essa explosão cotidiana de atualidade, especialmente na escola de 1ª grau, é optar por uma estratégia temerária”. Compete à escola fornecer aos alunos instrumentos para se tornarem leitores críticos não só de textos, mas do mundo que os cerca. Rodrigues (2001, p. 214) assim comenta sobre o gênero jornal:

A entrada dos diferentes gêneros jornalísticos na escola como objetos de ensino/aprendizagem encontra seu respaldo na necessidade de compreensão e domínio dos modos de produção e significação dos discursos da esfera jornalística, criando condições para que os alunos construam os conhecimentos linguísticos-discursivos requeridos para a compreensão e produção desses gêneros, caminho para o exercício da cidadania, que passa pelo posicionamento crítico diante dos discursos.

Paulino (2001, p. 47) assim destaca que “as discussões suscitadas em sala de aula nas reflexões sobre matérias de jornais permitem aos alunos, pela leitura crítica, o desenvolvimento da consciência da cidadania”. Faria (2009, p. 11) declara que o jornal é uma ferramenta que conecta o aluno na sociedade, de forma que o mundo seja trazido para a sala de aula.

Inferese, pois, dessas considerações, que o jornal *online* vai além do auxílio na prática do ensino dito formal; ele é, sobretudo, importante instrumento de educação. O seu bom uso pedagógico inclui processar criticamente as informações e o entendimento dos mecanismos que lhe são próprios como empresa e como mosaico de “gêneros”, temas e estilo (VIANA, 2002, p. 96).

Mais do que um material didático-pedagógico, o jornal *online* constitui-se como um recurso interdisciplinar dos conteúdos, ampliando a visão de mundo do aluno. O professor deve utilizar o jornal com uma importante ferramenta de ensino-aprendizagem, não de forma “didatizada”, servindo apenas para a exploração de conteúdos curriculares pré-determinados, mas como uma rica fonte de informação, servindo, ainda, como incentivo à

leitura e à formação de leitores ativos, assíduos e participativos.

Dessa maneira, a aprendizagem acontecerá de forma efetiva. Para Nogueira, na concepção de Stemmer (2000, p. 11), “os efeitos do computador são determinados não pelo computador, mas pelas características dos alunos e professores, pela metodologia de ensino, pela organização social da turma”. Diante do que foi ressaltado, percebe-se, a necessidade de vincular a prática de leitura e produção textual às novas descobertas propiciadas pelos recursos tecnológicos.

### **Considerações finais**

A importância e o valor dos usos da linguagem dependem das necessidades sociais de cada momento histórico. Atualmente, exige-se das pessoas que vivem numa sociedade letrada um conhecimento muito diferente e superior de algumas décadas atrás. A escola tinha como prática ensinar a ler e a produzir textos literários e deixava que a sociedade e a história individual ensinassem o uso dos outros tipos de textos.

Na modernidade, a educação precisa criar condições para o desenvolvimento de capacidades de uso eficaz da linguagem que satisfaça às necessidades pessoais e sociais, pois é isso que responde às exigências da vida diária e favorece a reflexão crítica e imaginativa da realidade, suprimindo as exigências de uma sociedade que vem passando por constantes mudanças, sociais, culturais, econômicas e histórias decorrentes das TICs.

Vive-se num mundo letrado, visual e digital, em que a palavra e a imagem são importantes meios de comunicação, em todos os setores da vida humana. As pessoas estão expostas a variados gêneros de texto, o tempo todo. Portanto, o conhecimento e o domínio de texto empregados em diversas situações da vida são cada vez mais necessários. Por isso, a escola deve proporcionar ao aluno o contato com uma imensa gama de gêneros textuais oferecendo textos retirados de diferentes suportes e com as mais distintas finalidades, desde os textos literários aos não-literários, textos orais, não-verbais e digitais.

É preciso que os gêneros textuais sejam compreendidos como uma ferramenta com a qual torna-se possível exercer uma ação linguística sobre a realidade. Não se podem desprestigiar, na escola, as inúmeras situações de interação comunicativa às quais correspondem os gêneros, pois isso pode comprometer o desenvolvimento das competências linguística e discursiva do usuário da língua.

O trabalho com os gêneros digitais, tais como o jornal *online* é, portanto, necessário para que o aluno adquira domínio de novas maneiras de ler, de produzir e pôr em circulação textos na sociedade, visto que uma parcela significativa de pessoa pertencentes a sociedade de hoje não se habitua à leitura em suportes textuais impressos.

### **Referências**

- ABREU, Lília Santos. O chat educacional: o professor diante desse gênero emergente. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes: 2011.
- BARBOSA, Elisabete. **Interatividade: A grande promessa do Jornalismo Online**. Covilhã: BOCC, 2001. Disponível em <[www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elisabete-interatividade.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elisabete-interatividade.pdf)>. Acessos em 7 set. 2018.
- BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de

- Língua Portuguesa: são os PCNs praticáveis? In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2001.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que as cartas do leitor na sala de aula. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: CHIAPPINI, Ligia (Coord. Gera); **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COSTA, Sérgio Roberto. A construção de "títulos" em gêneros diversos: um processo discursivo polifônico e plurissêmico. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2002.
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento diálogo em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos de texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- MARCURSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionamento: In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; FOSNECA, Maria Nazareth; CURY, Maria Zilda. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- PÉCORA, A. **Problemas de redação**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO, Roxane, (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2001.
- ROJO, Roxane. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. IN: ROJO, Roxane, (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2001.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.
- STEMMER, M. R. G. S. **O computador e a alfabetização**. In: Anped -Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 23., 2000, Caxambu –MG. Anais. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2000. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1021T.PDF>>. Acesso em: 7 de set. 2018.
- VIANA, Fernando Valeriano; SILVA, Ynaray J. da. **O jornal e a prática pedagógica**. In: CITELLI, Adilson. (Coord.) CHIAPPINI, Ligia (Coord. Geral). 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.